



O que acontece quando um grupo de agroecologistas faz seu próprio documentário

What happens when a group of agroecologists make their own documentary

MAZZARINO, Jane M., PETTER, Bruno E.; SCHEIBE, Denise B.

Universidade do Vale do Taquari (Univates)

e mail janemazzarino@univates.br, brunopetter@universo.univates.br, denise.scheibe@univates.br

Resumo: A pesquisa constitui-se em um espaço de construção do saber a partir da intervenção social, provocando a apropriação dos meios de produção da informação por um grupo de mulheres agroecologistas que foram envolvidas em uma experiência de comunicação ambiental, que buscou gerar empoderamento midiático. O objetivo é investigar os processos de significação emergentes e os modos de apropriação das tecnologias de mídia. O método é qualitativo, exploratório e descritivo, com viés participativo, metodológico e etnográfico. Os resultados apontam que a experiência possibilitou a interdisciplinaridade por meio do diálogo entre saberes científicos e populares, a autonomia das agricultoras ecológicas na construção da narrativa audiovisual, o acesso aos meios de produção audiovisual e o direito à comunicação. Por outro lado apontou como limitações a entrega desigual entre as agricultoras, sendo que mesmo as mais envolvidas não se apropriaram do processo de edição.

Palavras-chave: Apropriação midiática; agricultoras ecológicas; audiovisual; método participativo.

Keywords: Media appropriation; agroecological producers; audio-visual; participatory method.

Introdução

O estudo propõe-se a ser um espaço de construção do saber a partir da pesquisa-intervenção focada em possibilitar a apropriação dos meios de produção da informação por um grupo de mulheres agroecologistas, para geração de processos de comunicação ambiental, a serem analisados por meio da etnografia visual. Como informantes-participantes foi convidado, para produzir um documentário sobre um tema ambiental, um grupo de mulheres produtoras agroecológicas, que há 20 anos atua na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil, tendo sido o grupo pioneiro.

Investigam-se as narrativas e os processos de significação que emergiram, além dos modos de apropriação das tecnologias de mídia em práticas de comunicação ambiental colaborativa, que utilizam da produção de imagens. Este objetivo norteou esta pesquisa que caracteriza-se como interdisciplinar, já que articula os campos científicos (Ciências da Comunicação e Ciências Ambientais), da arte e das culturas populares, promovendo uma troca de saberes ambientada no fazer ecológico.

Trabalha-se a partir do pressuposto que a comunicação se constitui em um recurso de construção da cidadania. Neste sentido, esta pesquisa ancora-se em uma política pública, o Programa de Educomunicação Socioambiental. Os documentos nacionais norteadores desta área preveem seis dimensões para educomunicação, sendo uma delas referente a processos formativos de habilidades comunicativas (BRASIL, 2005



e 2008), o que caracteriza o modo de intervenção realizada. Como princípios norteadores das práticas educomunicativas realizada levamos em conta a dialogia, a inclusão, a valorização de diferentes saberes, a interatividade, a produção participativa, a transparência, a democratização da comunicação e a compreensão que a comunicação é um direito humano fundamental (SOARES, 2011,; BRASIL, 2008).

Método

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa. Quanto aos fins é exploratória e descritiva, com viés participativo e metodológico. Quanto aos meios é bibliográfica, documental e de campo, com aplicação do método etnográfico. O tratamento de dados se dá por meio da análise discursiva e da etnografia visual (GIL, 2002).

A amostra é não probabilística por acessibilidade e tipicidade (GIL, 2002). Como informantes-participantes foi convidado o Grupo de Agricultoras Ecológicas de Forqueta, distrito de Arroio do Meio, formado por mulheres que atuam há 20 anos no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. O convite foi para produzir um documentário ambiental por meio de uma obra coletiva, a partir de uma prática educomunicativa. Das sete, cinco aceitaram participar, as quais receberam informações sobre os pressupostos norteadores da pesquisa-intervenção, as práticas colaborativas, o papel dos pesquisadores como mediadores, a autonomia do grupo para contar a história que escolhessem, as formas de produção de imagens audiovisuais, os elementos do roteiro e as possibilidades de edição. Os equipamentos foram oferecidos pelo grupo de pesquisa Comunicação, Educação Ambiental e Intervenções (Ceami), do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento (PPGAD), da Universidade do Vale do Taquari - Univates, de Lajeado, Rio Grande do Sul. O Ceami tem a apoio do CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - para a aquisição dos materiais.

A coleta de dados foi realizada ao longo de todo o processo, com uso da técnica da observação participante, de registros em diários de campo e de entrevistas em profundidade. Fazem parte do acervo de dados coletados também o documentário, produto da intervenção participante, que passa por procedimentos de análise da etnografia visual.

Resultados e discussão

O estudo encontra-se em fase final de pesquisa de campo e de produção do documentário, que passa pela última etapa de edição. Os resultados, portanto, são preliminares e referem-se à descrição do processo de intervenção social, que consideramos relevante compartilhar. Apesar de não ser uma proposta inédita no campo dos movimentos sociais, na região onde o processo foi colocado em prática não havia nenhuma iniciativa educomunicativa com uso de audiovisuais com agricultores ecologistas. É uma contribuição tanto ao campo dos estudos da



comunicação ambiental de cunho popular, quanto ao campo da agroecologia, com um documento etnográfico produzido pelas agroecologistas e não pelos pesquisadores.

Tudo iniciou com o convite feito ao grupo de mulheres, no Centro Cultural de Forqueta. Era 21 de setembro de 2017. Desde o início seis mulheres se envolveram diretamente no processo, que começou com o desenvolvimento de um método que mesclou vivências com e na natureza explorando os cinco sentidos, metodologias colaborativas e experimentos com as tecnologias de mídia.

No momento da construção do roteiro ele surgiu de um processo de chuva de ideias. Em duplas, elas foram convidadas a imaginar o que deveria ser o início, o meio e o fim do filme. Após, foram incluindo as cenas que deveriam preencher cada um dos três blocos: como surgiu o grupo, as práticas do trabalho agroecológico e a interação com a comunidade. O roteiro foi pensado em uma ordem cronológica. Para a produção de imagens, por cerca de três meses elas ficaram com o equipamento de filmagem em suas casas, emprestando uma para a outra. No dia 15 de janeiro de 2018 finalizou a coleta de imagens com as entrevistas, quando todas ocuparam, alternadamente, os papéis de entrevistadora, de câmera e de entrevistada.

Em maio de 2018, os pesquisadores apresentaram as imagens coletadas, quando elas sugeriram exclusões e ordenamentos, validando o roteiro pré-definido. Meses depois o grupo de pesquisadores reapresentou a edição em processo, quando se definiu com mais precisão como mesclar as imagens com as entrevistas. Um novo encontro aconteceu em 25 de março de 2019 para apresentar o documentário na sua estrutura pré-finalizada. Neste dia pode-se visualizar a história e foram feitas críticas em relação à necessidade de incluir mais imagens de cada uma no seu trabalho, para cobrir as falas nas entrevistas, para que o documentário não ficasse cansativo para os receptores.

Novas imagens foram coletadas, desta vez com auxílio dos bolsistas da pesquisa que propusera a intervenção. Ao longo da construção da narrativa observou-se uma preocupação do grupo com a interação com o público que vai visualizar o filme. A dimensão estética esteve sempre presente, manifestando-se na busca por imagens belas da natureza e por sons do ambiente das propriedades de cada uma. Outro elemento que emergiu refere-se à forma como as decisões foram tomadas coletivamente. Das seis mulheres, três mostravam-se bastante engajadas e três estavam mais tímidas, tanto nas interações quanto na apropriação dos equipamentos. Desta três, uma delas desafiou-se a fazer o que desconhecia e duas não assumiram um protagonismo maior na apropriação dos meios de produção. As três que já eram fortes protagonistas do grupo foram as que mais empolgaram-se com os equipamentos e seu uso, criando uma forma narrativa ao legendar com sua voz as imagens que iam filmando. No entanto, nenhuma participou diretamente da edição devido aos fazeres com o trabalho.

No encontro de maio de 2018, uma das agroecologistas entregou um relato escrito sobre como estava vivendo a experiência de construção do audiovisual.



É ser os atores e os autores reais dessa nossa opção de viver no dia a dia. É ser valorizado independentemente do nosso grau de instrução e formação tradicional. Saber que a participação foi imparcial e que todos tiveram igualdade em mostrar a sua forma de produção e os cuidados, deveres e obrigações em relação à produção agroecológica. Mostrar que é possível produzir dessa forma, sem temer, e criar confiança uma na outra, conhecer a história de cada uma. Aprender a observar tudo que nos envolve e nos rodeia. Que bom que fomos contempladas com esse processo e vamos ficar na memória.

As análises preliminares da experiência de possibilitar que um grupo de agroecologistas contasse sobre seu modo de vida indicam que os princípios da educomunicação emergiram naturalmente no processo, por ser uma marca cultural do grupo e por fazer parte dos pressupostos norteadores da intervenção dos pesquisadores: o respeito às singularidades e diferenças de cada uma foi observado pelos pesquisadores por meio da dialogia, da transparência e da interatividade entre todos os envolvidos na intervenção.

O processo gerou inclusão das agroecologistas no mundo midiático, valorização de saberes, produção participativa e a democratização da comunicação por meio do acesso a um direito humano fundamental (SOARES, 2011; BRASIL, 2008).

Ao longo desta pesquisa mesclaram-se, ainda, outros elementos fundamentais da comunicação: a educação para comunicação, a mediação tecnológica, a expressão comunicativa através das narrativas visuais, a gestão colaborativa do processo, identificando, ainda, as possibilidades de aprendizagem que a intervenção gerou e, sobre tudo isso, se está fazendo uma reflexão epistemológica (BRASIL, 2005 e 2008).

A dimensão política do processo de apropriação do fazer com imagens é ressaltada por Wolton (1995), quando afirma que a democracia pressupõe a existência de um espaço público em que um maior número de atores se exprima acerca de um maior número de assuntos. Do mesmo modo, Melucci (2004) considera que a desigualdade no acesso aos recursos de informação na “sociedade planetária” supera a privação econômica. Para ele, contemporaneamente, a desigualdade passou a referir-se mais ao acesso diferenciado dos recursos de informação, de conhecimento, e de autonomia pessoal.

É importante permitir “[...] a nossas sociedades aproveitar o potencial da tecnologia para nossos próprios fins e de acordo com as nossas peculiaridades culturais, científicas e tecnológicas” (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p.160). Nesse sentido, os audiovisuais colocam-se como ferramentas extraordinárias, pois são fundamentais para “o processo de conscientização, formação de opiniões, mobilização, exercício da cidadania e para a construção de uma identidade social” (CASSOL et al., 2011, p.5).

Além da dimensão política salientada pelos autores e observada no processo, a dimensão cultural também emergiu fortemente. Neste sentido, concorda-se com Gallois e Carelli (1995) quando salientam a potência de comunicação intercultural das imagens, as quais tocam em temas e sentimentos universais, que transcendem a



diversidade das culturas, aproximando-as. As imagens têm a força de gerar apropriação do ato de narrar pelos grupos sociais, gerando intercâmbio cultural quando outros grupos vão conhecer as expressões culturais das agroecologistas de Forqueta.

Conclusões

A experiência da produção do documentário pelo grupo de agroecologistas, com a mediação dos pesquisadores, possibilitou a interdisciplinariedade por meio do diálogo entre saberes científicos e populares, a autonomia das agricultoras agroecológicas na construção da narrativa audiovisual, o acesso aos meios de produção audiovisual e o direito à comunicação. Por outro lado, apontou como limitações a entrega desigual entre as agricultoras, sendo que mesmo as mais envolvidas não se apropriaram do processo de edição. Duas das oito convidadas no princípio não participaram, e entre as que participaram houve diferenças quanto ao nível de envolvimento. Mesmo assim, consideramos que cada uma das participantes, em sua singularidade, colaborou com a construção midiática da história vivida individualmente e coletivamente no cotidiano da produção ecológica do grupo de mulheres. As duas que não participaram diretamente do processo desde o início estavam presentes no dia das entrevistas.

O resultado é um filme que tem valor histórico, de registro da memória social, educativo do estilo de vida agroecológico, e que aponta possibilidades de consumir de forma saudável, o que foi mostrado com uma preocupação estética. Evidencia-se no produto o valor social, cultural e ambiental da produção audiovisual com este grupo de mulheres agricultoras ecológicas. Muito ainda há a ser analisado: centenas de imagens, centenas de transcrições dos encontros, dezenas de relatos em diários de campo das observações participantes, entrevistas e um filme etnográfico feito por quem vive a história que contou. Destas análises, certamente surgirão elementos a serem aprimorados neste tipo de experiência.

Agradecimentos

Luciana Turatti, Pietra Darde e Lilian Zanatta. E aos Órgãos financiadores: Fundação Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (Fuvates) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências bibliográficas

BRASIL. **Educomunicação socioambiental**: comunicação popular e educação. Organização. Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008. Disponível em:
<http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/_arquivos/txbase_educom_20.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

BRASIL. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Organização: Órgão Gestor

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



da Política Nacional de Educação Ambiental: MMA, 2005. Disponível em: <http://www.daep.com.br/coletivos/adm/download/dt_2_programa_educomunicacao_socioambiental_4a_versao_maio_final.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

CASSOL, M. C. et al. Relatos da experiência da Oficina de Audiovisual “Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa”. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais...** Recife, PE, set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1330-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

GALLOIS, D. T.; CARELLI, V. **Vídeo e diálogo cultural – experiência do projeto vídeo nas aldeias**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 61- 72, jul./set. 1995. Disponível em < <http://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a05.pdf> >. Acesso em: 29 out. 2015.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

MELUCCI, A. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. Editora Unisinos. São Leopoldo, 2004.

OROZCO-GÓMEZ, G. **Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI**. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, I. de O. **Educomunicação: um campo de mediações**. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

WOLTON, D. **As contradições do espaço público mediatizado**. Revista Comunicação e Linguagens, n. 21-22, Lisboa: Cosmos, dezembro de 1995